

Metafísica existencial de Heidegger

EXPOSIÇÃO DUMA DOCTRINA

1 — A' metafísica existencial de Heidegger unem-se, como muito bem diz Gurvitch, não só as correntes mais representativas do pensamento contemporâneo como algumas de pensadores medievos e antigos. Dentre as mais importantes salientam-se: o positivismo das essências de Husserl, o emocionismo de Scheler, o irracionalismo de Lask, o pensamento de Wartmann, o intuicionismo de Bergson, a filosofia de Nietzsche, Dilthey e Kant, o existencialismo irracionalista de Kierkegard, a teologia dialéctica de Berth e Gogasten e ainda certas concepções platónicas e aristotélicas (a).

2 — No sistema de Heidegger a *temporalidade* é a própria unidade do ser, visto o problema do tempo ser a problemática central de toda a ontologia. Mas não é só o *temporal* que está no tempo, mas nele se encontra também o *intemporal* e o próprio *supra-temporal*. Logo o domínio da analítica existencial não é o da biologia nem tão pouco o da psicologia, pois o homem, segundo H., não é homem pela simples razão de ter um corpo ou uma alma. Longe disso. «A existência distingue-se da vida como unidade psico-física.» Que analisa, então, a metafísica de H., uma vez que o homem não é homem pelo facto de ter corpo e alma? Não analisa a *existência* do homem, mas sim a sua *essência* que reside para além da própria *existência*. Mas para chegar à concepção da *essência* (verdadeira realidade do homem) pode-se prescindir da *existência*. Não, nem mesmo do mundo circundante.

Vejam os: o homem existe por ter corpo e alma, mas o que define o homem na esfera metafísica é a sua *essência*. Contudo há um mundo que nos cerca e é nas suas

relações com o homem que este se dignifica, se eleva através dum esforço pragmático-existencial. Dessas relações, resulta a luta e dessa luta o carácter dignificante e o verdadeiro valor ascensional do homem. Sem a existência do mundo seria impossível a existência do homem. Mais ainda: sem a existência do *eu* seria impossível a existência de outros *eus*. Não é possível conceber um *eu* isolado. O existir de qualquer *eu* é um existir com outros, um coexistir. Para H. o ser de existência humana é a *preocupação* que se expressa com o medo (*Furcht*) na existência perdida do mundo (*uneigentliche Existenz, Verfall*). A existência tem o seu centro não na contemplação passiva ou na acção volitiva, mas no estado emotivo da cinestesia geral (b). Da luta contínua do homem com o mundo resulta, como já dissemos, a *preocupação*, e por isso o homem se impacienta a toda a hora, numa tortura que por vezes dramatiza a sua existência. Além da *preocupação* do homem com o mundo há uma relação entre o homem e a sua própria existência. Nas relações existência humana consigo mesma, a *preocupação* pode revestir o carácter de *angústia* (*Angst*) originada pelas «resoluções resignadas» e pelo problema da morte. Scheler no «Ordo Amoris» ao referir-se ao problema da morte, diz que nós acreditamos que sobrevivemos porque nos julgamos imortais. Onde reside a imortalidade do ser? Não na existência (corpo ou alma) mas na nossa *essência*. A morte é uma certeza intuitiva que se acha presente em toda a consciência. Mas se a morte está apenas na nossa existência, nos diversos *eus* isolados, conclui-se que só há a morte individual *pois a essência da vida continua sempre a existir através os séculos*.